



Água, em abundância ou em falta, é fator de risco para doenças

Pernambuco teve explosão de casos de leptospirose após enchente histórica; Ministério da Saúde prepara protocolo para lidar com emergências sanitárias

» JULIANA VALENÇA
» ANA LUÍSA FRANÇA
» MAYCON MARTE
ESPECIAL PARA O CORREIO

Clauber Cleber Caetano/PR



Enchentes em Recife em 2022 resultaram em mais casos de leptospirose

Em 2022, quando a Região Metropolitana de Recife (PE) registrou a maior enchente dos últimos 50 anos, enxurradas e deslizamentos de terra resultaram em mais de 120 mortos. A leptospirose, doença infecciosa causada pela exposição direta ou indireta à urina de animais infectados e que se prolifera em áreas alagadas, resultou em outras 66 mortes no estado no mesmo ano. O salto nas notificações da doença foi de 390% em comparação ao ano anterior, chegando a 547 em 2022.

Diante dos alertas de maior ocorrência de desastres naturais devido às mudanças climáticas com potencial para aumentar a propagação de doenças, as autoridades de saúde decidiram preparar uma padronização das medidas a serem adotadas. Após a passagem de ciclones e enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em agosto deste ano, e a seca extrema observada no Amazonas desde outubro, o Ministério da Saúde prepara o primeiro protocolo de combate a pandemias no Brasil, utilizando como modelo a atuação das autoridades sanitárias na Covid-19.

Mosquitos, parasitas, bactérias e vírus proliferam com o calor, que também acelera e intensifica os eventos extremos, como as enchentes e secas, alerta o geocientista Christovam Barcellos, que coordena o Observatório do Clima e Saúde da Fiocruz.

“Essas condições climáticas são propícias para ocorrência de várias

doenças infecciosas, favorecendo que essas doenças se tornem endêmicas em regiões do globo que hoje não são”, prevê o engenheiro ambiental Carlos Eduardo Pacheco, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Segundo a secretária-adjunta de Vigilância em Saúde e Ambiente do Ministério da Saúde, Angélica Miranda, o manual pretende oferecer respostas em meio a situações de emergência para organizar a reação de agentes públicos com base nas experiências que são possíveis de acontecer. “É claro que terá de ser algo dinâmico, porque pode aparecer alguma emergência que não tinha aparecido ainda”, disse Angélica ao **Correio**. O governo vai anunciar em breve o Comitê de Mudanças Climáticas, que reunirá diversos ministérios, secretarias de governo, pesquisadores, Forças Armadas e representantes dos estados e municípios, além da sociedade civil. O objetivo, segundo a secretária-adjunta, é acompanhar os agravos ambientais recentes e pensar medidas de ação para impactos futuros da mudança no clima e no meio ambiente.

Perigo no improviso

Barcellos, da Fiocruz, observa que o impacto de eventos climáticos sobre o abastecimento normal

de água potável também aumenta o risco de contaminação em áreas atingidas. “Os locais que estão sofrendo com as enchentes agora, como é o exemplo do Rio Grande do Sul, começam a improvisar algumas fontes de água e de alimentos. Isso é perigoso”, alerta o geocientista.

Os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que tiveram enchentes recentes, somaram 351 casos de leptospirose entre janeiro e setembro de 2023, segundo o último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde. Em casos graves da doença, um paciente pode apresentar complicações como insuficiência renal e precisar de hemodiálise, afirma o médico infectologista Hélio Bacha.

A água acumulada também favorece a proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*, vetor de doenças como dengue, zika e chikungunya, fora de sua região endêmica. “Nós temos visto uma expansão da área de transmissão de dengue, isso está acontecendo muito lentamente e também muitas vezes passa despercebido”, observa Barcellos, da Fiocruz. Com a facilidade de mobilidade, aumenta a chance desse ou outro vetor se deslocar por meio acidental de um transporte aéreo ou marítimo. “Se existir a condição ambiental para ele crescer e se procriar, isso acontecerá”, avisa Pacheco, da Embrapa.